

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

JOÃO VICTOR MELO AMARAL

AS ARQUIBANCADAS ENTRE NOBRES E COMUNS: O FUTEBOL COMO
ESPAÇO DE EXPRESSÃO E IDENTIDADE NA INGLATERRA

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Dr. João Assis Dulci

Juiz de Fora
2025

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **JOÃO VICTOR MELO AMARAL**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 202272031A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **AS ARQUIBANCADAS ENTRE NOBRES E COMUNS: O FUTEBOL COMO ESPAÇO DE EXPRESSÃO E IDENTIDADE NA INGLATERRA**, desenvolvido durante o período de 13/03/2025 a 15/08/2025 sob a orientação de JOÃO ASSIS DULCI, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

JOÃO VICTOR MELO AMARAL

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

AS ARQUIBANCADAS ENTRE NOBRES E COMUNS: O FUTEBOL COMO ESPAÇO DE EXPRESSÃO E IDENTIDADE NA INGLATERRA

João Victor Melo Amaral¹

RESUMO

Presente basicamente em todos os cantos, o futebol se mostra um elemento comum na cultura inglesa. O senso comum, mesmo que no Brasil, trata-o como prática esportiva e cultura de entretenimento de massas, alheio a questões políticas ou de ordem mais complexas na sociedade. Ainda assim, o observador mais próximo aos movimentos de torcida notará o caráter político do movimento futebolístico, contrariando a ideia pré-estabelecida. Partindo de textos que analisam a constituição histórica do esporte em meio a sociedade inglesa vitoriana e que abarcam o papel partidário que o esporte passou a exercer entre seus participantes, o seguinte artigo busca entender como as mudanças sociais do período em que o futebol se desenvolveu impactaram para a criação dessa herança política do esporte junto, sobretudo, aos trabalhadores e como os seus agentes passaram a ter, no jogo, uma forma de expressão de si mesmos. Passado um século e meio de sua criação, o esporte mostra exercer determinada função social que deve ser passível de maiores análises.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol. Política. História. Identidade.

1. INTRODUÇÃO

Em 2025, o *Liverpool Football Club* celebrou a conquista de seu vigésimo campeonato inglês de futebol. O tradicional clube do oeste inglês igualou ao Manchester United em número de títulos e se tornou, junto ao clube nortista, o maior campeão de torneios nacionais da Inglaterra.

Contudo, a celebração do título foi, além da euforia, também palco de controvérsias. A Nike, empresa americana e fornecedora de materiais esportivos para o Liverpool, veiculou uma peça publicitária controversa que gerou discussões dentro da comunidade inglesa esportiva e fora dela. A imagem traz o zagueiro holandês Virgil van Dijk, capitão da equipe, celebrando a conquista e os dizeres "O mais bem sucedido clube na Inglaterra não é inglês, é scouse."

A publicação rapidamente ganhou tração nas redes. Os "reds" comemoraram a publicação que celebra a identidade regional de seus torcedores, referenciando a forma com a qual eles próprios se denominam, enquanto muitos torcedores e demais ingleses de forma geral se sentiram incomodados com a falta de integridade nacional no discurso.

Esta não é a primeira vez, e nem será a última, que um clube e torcedores como os de Liverpool utilizam dos momentos de destaque provenientes do futebol para afirmar suas mais variadas identidades.

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: João Assis Dulci.

Contudo, o senso comum atribui aos esportes um eterno caráter recreativo, quando não muito de alienação, alheio às realidades de seu público. Enquanto os esportes olímpicos, por exemplo, se mostram altamente refratários a manifestações políticas em suas exibições, o futebol inglês se tornou um espaço altamente aberto para manifestações político-identitárias. Indaga-se, então, como se deu o processo que naturalizou essa conjunção de áreas no futebol, uma vez que os outros esportes sequer permitem menções minimamente similares.

Através de textos e trabalhos que analisam o processo de constituição do futebol inglês, busca-se entender: em que medida o contexto vivido na época aproximou tanto o futebol da classe trabalhadora? Além da classe, como e por que esse processo se desenvolveu para a identidade regional? Além disso, como a origem dos seus praticantes e as mudanças vividas em suas vidas no período impactaram na consolidação do futebol como um espaço identitário no imaginário inglês?

Entender esses fatores e suas consequências na realidade inglesa é o objetivo deste trabalho. Para responder às perguntas anteriores, é necessário retornar à origem do esporte e a turbulência social em sua gênese. Primeiro será abordada a questão material sob as quais os trabalhadores estavam submetidos e como a mudança das condições de trabalho, conjuntamente com a popularização do jogo, permitiram a entrada da classe trabalhadora como protagonista no esporte. Depois, passamos pela identidade regional exercida pelos clubes de futebol em meio às organizações das cidades na Inglaterra e como isso se aderiu ao movimento de torcidas.

Apita o árbitro: é hora do pontapé inicial.

2. O JOGO INGLÊS

Absurdamente popular, o senso do futebol como “o jogo dos pobres” ou da “classe trabalhadora” persistiu até mesmo nos momentos atuais de liberalismo econômico e globalização, onde nem mesmo a ideia da Inglaterra industrial de outrora permaneceu. Enquanto a contemporaneidade é marcada por uma simplificação dos laços afetivos, relações fluidas e sem maiores pertencimentos, o “*matchday*” segue como elemento marcante da identidade coletiva inglesa, com a presença nos estádios ou pubs para acompanhar a rodada da liga sendo um grande momento de socialização onde, nos fins de semana, se encontram os mesmos colegas que compartilham o cotidiano.

Nos anos 1990, em meio aos questionamentos sobre reformas estruturais no futebol inglês que se mostravam necessárias e ocorreriam anos mais tarde, o deputado e líder do Partido Trabalhista, Roy Hattersley, declarou ao tentar abordar o que explicava o inabalável apelo do futebol:

O futebol faz mais que prover um prazer incomparável em uma tarde de sábado. Ele nos mantém em uma associação romântica com nosso passado individual e coletivo. É um jogo da Inglaterra industrial. Não é mais exclusivo dos homens e mulheres que trabalham nas minas e fábricas porque as minas e fábricas não são a força que costumavam ser. Mas, em geral, é um jogo dos

filhos e filhas daquela antiga classe trabalhadora. (HATTERSLEY in GOLDBLATT, 2014, p.8, tradução nossa)

A fala do parlamentar inglês exemplifica a superação da ideia do futebol como uma mera atividade de lazer e a coloca como elemento da herança cultural inglesa, sendo parte do entendimento da inglesidade moderna. A partir dessa noção, é possível mensurar como o futebol destoa ao fazer parte ativamente da dinâmica social inglesa e não sendo limitada como uma mera alternativa de entretenimento.

O futebol é, em um primeiro olhar, um jogo simples. A intuitiva ação de chutar um objeto minimamente redondo fez com que diversos esportes sejam colocados como predecessores do futebol moderno. A China e o Japão antigo, mesoamérica maia e asteca, Roma ou a França medieval, entre outros, possuem em comum na sua história um ancestral do futebol para chamar de seu. (Russel, 1999) Contudo, é irremediável que o esporte mais popular do mundo, praticado como nos dias atuais, possui uma clara definição temporal e espacial em sua criação: Inglaterra, 1863. Neste ano, a criação da Football Association consolidou as treze regras primárias que desassociaram o esporte de um outro similar, o rugby. Mais do que as simples regras que uniformizaram a prática do que seria chamado à época de “futebol associativo” e permitiram sua maior adesão, a origem do esporte, na região e período em que ocorreu, deleitou à prática futebolística um espaço de expressão política e identidade coletiva única entre os esportes, herdada e cultuada até os dias atuais.

Para entender como esse papel único foi dado ao futebol, com um protagonismo político irrigado na ideia coletiva do esporte e com associações com determinados extratos sociais, é necessário voltar para o contexto geral da sua constituição. Entender o momento de sua criação, seus primeiros passos de profissionalização e competição e os efeitos disso na vida daqueles que praticavam e passaram a viver a emoção desse novo esporte: os trabalhadores.

2.1. O JOGO DO POVO?

É tradicional e cultuado nos jogos de futebol a organização dos torcedores para a confecção de bandeiras e mosaicos formando mensagens e imortalizando belíssimas imagens das arquibancadas ao redor do mundo. Contudo, sendo uma forma de expressão coletiva, as mensagens não estão restritas somente a formas de apoio aos clubes como também de crítica e manifestação, representando os sentimentos comuns dos torcedores. Durante as manifestações contrárias à criação da Super Liga Europeia em 2021, proposta de campeonato independente entre os grandes clubes europeus que foi altamente impopular entre as torcidas, tornou-se viral a imagem de um bandeirão feito pela torcida do Club Africain, equipe tunisiana, durante amistoso contra o magnata Paris Saint Germain, da França.

Figura 1 - Manifestação Club African



Fonte: VICE (2021)

Realizada um pouco antes, em 2017, e viralizada anos depois, a mensagem parecia continuar perfeitamente atual. Mais do que isso, representava um mantra repetido e aceito entre quase toda a comunidade esportiva. As letras brancas em uma faixa preta traziam os dizeres “Criado pelos pobres, roubado pelos ricos.” Entretanto, ao olhar com mais detalhes sobre a origem do esporte na Inglaterra vitoriana, percebe-se uma realidade diferente do que propõe o mito.

É evidente notar que o futebol é apenas uma das heranças de um período de intensa mudança e de novidades no mundo moderno que, naquele século, era fundamentalmente influenciado pelo Império Britânico. O mais vasto império da história replicava ao redor do mundo sua forma de organização da sociedade, seus preceitos e, por tabela, seu entretenimento e formas de lazer.

A sociedade inglesa no início do século XIX vivia seu auge econômico com a plena adaptação ao capitalismo e os novos modos de produção. A promulgação de leis, como a Lei dos Cercamentos, obrigou uma massa de camponeses a se dirigirem para os incipientes centros urbanos onde passariam a trabalhar por salários cada vez menores, chegando a um quinto do valor antes da metade do século. (Hobsbawm, 1962)

Se a situação financeira não era melhor, tampouco seriam as relações sociais advindas dessa nova correlação de forças. Os trabalhadores passaram a ser aglutinados em fábricas e habitações, postos em rotinas de trabalho extenuantes e exigidos a ocuparem funções específicas em um processo de produção

que exigia uma maior disciplina dos trabalhadores. Em meio a miséria e ao desconhecido, o controle de corpos passava a ser cada vez mais fundamental para a sustentabilidade desse sistema.

Tantas mudanças trariam reflexos em diferentes aspectos da vida em comunidade. Os jogos, acostumados com as regras orais repassadas amigavelmente entre gerações, passavam a conhecer a frieza e dureza das relações pessoais determinadas por força de contrato, um dos sinais da mudança vivida naquele período. “Regras, assim como eram, estavam atreladas ao contexto, instavelmente consagradas na tradição não-escrita.” (GOLDBLATT, 2006, p. 59, tradução nossa)

Goldblatt ainda vai além ao defender que a prática de esportes coletivos nas escolas inglesas, como o futebol e o rugby, eram formas de ensinar valores como a ética e a hierarquização para as novas gerações de homens da aristocracia vitoriana, aos quais ocupariam lugares importantes no império e seriam o modelo do inglês ideal. Nesse mesmo sentido, Taylor define o campo de futebol como “uma arena importante dentro da qual indivíduos podem aprender lições sobre papéis e identidades sociais e políticas, os quais carregaram de volta em outros aspectos da vida diária” (TAYLOR, 2013, p. 6, tradução nossa)

Eric Hobsbawm (2000) aborda detalhadamente a mudança nas condições de vida proletária sobretudo a partir da década de 1880 que, não coincidentemente para o aqui exposto, é justamente o período de regularização e início de popularização do futebol. Segundo o autor, o período é marcado por um crescimento vertiginoso da população urbana, aglomerados em centros urbanos cada vez maiores e mais numerosos, surgidos a partir e ao longo da expansão da malha ferroviária inglesa. Foer (2005, p.9) cita que “em cidades industriais inglesas como Coventry e Derby, os clubes de futebol ajudaram a aglutinar pequenas comunidades em meio a uma poluição opressiva”.

Nesse período são observadas melhoras substanciais na materialidade de vida dos operários, com uma queda no custo de vida, regulamentação das habitações, aumento do consumo com a possibilidade da compra a prazo e mudanças na dieta com novos produtos alimentícios. Contudo, “a transformação mais espetacular foi sem dúvidas a do padrão de lazer e de férias da classe operária”. (HOBSBAWM, 2000, p. 289)

A adesão da classe trabalhadora ao futebol em específico pode ser explicada devido a uma demanda por uma atividade física e recreativa, mas que fosse simples e barata de se praticar, algo diferente do rugby ou do cricket. De forma direta,

“A razão do deslocamento (*do rugby para o futebol*) estaria nessa combinação que já temos abordado: barateza mais simplicidade. O jogo é econômico porque só necessita simular uma bola, se não a tem, e dispor de espaço.” (ALBARCES, 2018, p.79, grifo nosso, tradução nossa)

Além disso, o futebol representava um menor risco de se machucar, algo muito relevante para uma classe que dependia da diária do trabalho nas fábricas para sobreviver. (Goldblatt, 2006)

A diminuição da jornada de trabalho, com a adoção do meio turno aos sábados, e as já citadas melhores condições de vida dos operários permitiu um maior número de pessoas praticando e acompanhando o futebol nos primeiros estádios que passaram a ser construídos no último quarto do século XIX, visando localizações privilegiadas próximas às estações de trem, permitindo a chegada dos torcedores por um modal cada vez mais acessível.

Pode-se dizer que o futebol somente se popularizou e se desenvolveu na forma e proporção que tomou devido às características intrínsecas da sociedade inglesa e que as suas questões sociais não se mostraram, em momento algum, irrelevantes para a constituição do esporte. Essas questões estão materializadas na mítica vitória do Blackburn Olympics na FA Cup de 1883 contra os Old Etonians, formada por alunos da prestigiada Eton College, sendo então o primeiro time operário a vencer a mais antiga competição de futebol do mundo. Essa própria classificação, um time operário, já indica a situação da prática futebolística da época, com os seus primeiros anos sendo controlados pela aristocracia inglesa através das escolas de elite em uma tentativa, que logo se mostrou falha, de criar um jogo para *gentlemen and comrades*.

Um jogo entre uma escola de Londres e um time como o Blackburn podia representar, também, mais um confronto entre os banqueiros da capital e os trabalhadores de uma fábrica de tecidos do norte da Inglaterra. Porém, havia uma latente novidade: dentro do campo, os trabalhadores rapidamente descobriram que poderiam vencer.

Ao redor da vitória do Blackburn, há uma ideia mítica de um “time do povo”, algo muito utilizado por boa parte dos clubes até os dias atuais. Ainda que sim, muitos clubes possuem origens nas camadas populares, é possível perceber a utilização desse mito para a legitimação de resultados dentro do campo. O culto à origem popular invoca o que os rivais não são, traz uma causa mais justa e delega uma preferência dos “poderosos” aos rivais. As vitórias então são mais expressivas e as derrotas mais justificáveis. Afinal, “por que culpar o time que você ama quando a responsabilidade pela derrota pode ser facilmente deslocada para outro lugar?” (FOER, p. 54, 2005)

A conquista do Blackburn evidencia uma falha da Football Association na condução do seu jogo ideal: a profissionalização. A dedicação exclusiva dos jogadores em função de uma remuneração já era uma realidade e se tornaria, a contragosto, permitida legalmente a partir de 1885. Além da questão moral acerca da prática motivada por ganhos financeiros, havia um temor de uma elite conservadora em perder o protagonismo no esporte para uma classe socialmente inferior, algo que se mostrou parcialmente verdadeiro. Hobsbawm (1981, p. 289, grifo nosso) denomina essas ocorrências como “a emancipação do futebol de patrocínio (*da elite*)” e também elenca como momentos chave, além da já citada profissionalização, a criação da Liga em 1888 e, como uma consequência futura e consagração da cultura do futebol na imagem da cultura inglesa, a *brithshness* como também define Russell (1999), a presença do rei na final de 1913.

Em “Associating with Football: Social Identity in England”, David Russell (1999) faz uma análise pertinente sobre o *status quo* exercido no futebol inglês. O autor argumenta que, embora o futebol tenha em

seu público uma vasta maioria da chamada classe trabalhadora qualificada e semiquificada, sua direção e controle é largamente exercida por membros da elite, da burguesia, ou quando muito de uma alta classe média, o que eventualmente gera questionamentos acerca da “posse” do jogo e da relação social entre dominantes/subordinados numa sociedade capitalista. Taylor contribui com esse questionamento ao levantar que “a questão de quem realmente ‘controla’ o então chamado ‘jogo do povo’ como uma forma comercial e cultural tem estado no coração de muitas dessas discussões” (TAYLOR, 2013, p.8, tradução nossa)

No mesmo sentido, Alabarces (2018) critica a interpretação de uma reprodução horizontal do futebol, sendo feita somente pelos trabalhadores, e camuflando o direcionamento dado pelas elites. Ainda assim, defende que “o futebol britânico será, até a última década do século XX, uma marca chave da cultura trabalhadora” (ALABARCES, 2018, p. 28, tradução nossa)

Contudo, ainda que a origem dos seus agentes tenha permitido o que Russell define como uma “capacidade de desviar a ideologia dominante e investir o jogo com valores proletários” (RUSSELL, 1999, p. 25, tradução nossa) e que, desde 1870, sobretudo os torcedores tenham sido capazes de criar e exprimir uma identidade por meio de seus cânticos e festejos, o controle seguiu firmemente nas mãos de grupos de elite. Sendo a clichê alcunha de “jogo do povo” refletindo mais um padrão de consumo do que de controle, os torcedores são, nas palavras do autor, “viciados demais no jogo para ameaçar as estruturas que o fornecem”.

Ao fim, o esporte surgido como uma forma de educação moral para a aristocracia inglesa foi adotado pelos trabalhadores em meio às melhores condições de trabalho e a busca por um lazer acessível e que atendia seus anseios. Ainda assim, a forma organizacional e a dinâmica de poder dos clubes questionam o pretensso protagonismo da classe trabalhadora no futebol, mesmo que o seu apelo com esse segmento social seja claro e manifesto.

2.2 SCOUSERS, TOFFEES E GEORDIES: OS REGIONALISMOS PARA DENTRO DO CAMPO

Se a identidade de classe é algo marcante dentro do futebol inglês, também são expressos os regionalismos dentro dos campos, arquibancadas e arredores de estádios na Inglaterra. A origem desses sentimentos locais pode ser explicada, em seus momentos, por duas vertentes que se complementam: a presença esportiva e a social.

Do ponto de vista esportivo, algumas mudanças estruturais na Inglaterra favoreciam o desenvolvimento do jogo no interior. A expansão da malha ferroviária permitia um melhor transporte dos times e possibilitou a expansão do número de jogos com a criação das primeiras ligas nacionais ou, melhor, regionais. As primeiras décadas da *Football League*, criada em 1888, foram protagonizadas sumariamente por times do norte e do centro da Inglaterra e pouquíssima participação dos times do sul, principalmente de Londres. Evidenciando o caráter periférico descentralizado da prática esportiva naquele momento, o jornal Manchester Guardian, em 1896, declarou: “Londres é a capital do reino certamente, mas quem no mundo futebolístico considera Londres como centro de algum interesse?” (GUARDIAN in GOLDBLATT, 2006, p. 136)

Pela análise social, Russell (1999) defende que essa identidade local passa a aflorar em um momento em que as cidades passaram a ser grandes demais para se conhecer por completo e um enfraquecimento de estruturas comunitárias quando as relações são, evidentemente, menos intimistas. Soma-se a isso a mobilidade social ou mesmo geográfica, com cada vez mais pessoas passando a viver em regiões diferentes das quais nasceram. Assim, apoiar o time local passa a ser visto como uma “cidadania simbólica” onde mesmo estando em um local com milhares de pessoas desconhecidas, há um sentimento comum que as caracteriza e as unem com um mesmo objetivo, criando uma raiz afetiva entre a região e seus clubes representantes.

Nesse sentido, um dos principais efeitos desse regionalismo é alimentar um sentimento contrário ao nacionalismo centralizador e generalista. Passa-se a criar mitos locais sobre a paixão e zelo de determinada região ao jogo ou a cultura e aptidão inata para a prática do esporte. Não raramente, as rivalidades locais seriam superadas para o apoio de um time da região contra outras durante a competição nacional.

Se antes Londres era pouco representativa no começo da liga nacional, passadas algumas décadas os confrontos dos times nortenhos com os da capital passaram a ser emblemáticos no imaginário das torcidas e o futebol, como defende Russell (1999), passa a ter papel preponderante no fortalecimento da divisão Norte-Sul no país. Ganhar do sul era mostrar a força operária sobre os oriundos da capital e do chamado “soft south”.

Esse regionalismo amistoso, presente até as primeiras décadas do século XX é, contudo, relativizado conforme surgiram equipes que se colocaram como “nacionais”, atraindo a atenção midiática no mesmo tempo em que as próprias mídias se desenvolviam com tal abrangência nacional, notadamente o rádio e, após, a televisão. (Russell, 1999)

Ainda sobre esse tema, Taylor aborda sobre um certo nível de flexibilidade nesse regionalismo, permitindo a criação de laços de pertencimento através do consumo de mídias mesmo que o indivíduo esteja distante. Segundo ele, ao não limitar as comunidades futebolísticas ao local imediato, os historiadores entendem o pertencimento como “flexível se não fluido”.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo todo o acima exposto, é mais claro de entender o que explica as manifestações realizadas na peça publicitária que originou essa pesquisa. Os torcedores do Liverpool, os scousers, são frutos de um senso comunitário e de identidade amplo que leva em conta a história industrial, seu pertencimento de classe e a importância regional da cidade dentro da Inglaterra. O futebol se apresenta, então, como um processo de coesão social que não é alheio a esses fatores.

Muitos são os que se postulam como predecessores do futebol, contudo, o que se viu ao longo deste trabalho constitui uma relação intrínseca e embrionária, por certo, entre a identidade inglesa e a prática futebolista. O *association football* não seria o que é, com seus mitos e simbologias, se não tivesse surgido na Inglaterra, no século XIX, abarcado por uma classe que se desenvolvia conjuntamente com o esporte. Dessa

forma, “é claro que, como um produto das forças da modernização e do desenvolvimento capitalista, o futebol não poderia nunca ser estruturalmente separado dessa forma, mas isso não evitou alguns de pensar que poderia ser.” (TAYLOR, 2013, p.6)

O esporte coletivo se mostra um importante cenário não só de reprodução como também de expressão própria de seus praticantes. Como elemento coletivo, é formado pela ação dos indivíduos que o compõem e está sujeito a influência delas. Tratá-lo como mero lazer ou entretenimento é ignorar um aspecto importante na vida da sociedade e em suas relações, o objeto de estudo principal das ciências sociais.

Alguns autores enumeram as principais identidades desenvolvidas e afloradas nos campos ao redor do mundo, não limitando somente a Inglaterra. Seguindo novamente Taylor, “Acadêmicos têm focado principalmente, mas não exclusivamente, em cinco identidades-chave em relação ao futebol: classe, gênero, raça, nacionalidade e comunidade.” (TAYLOR, 2013, p.7)

A escolha em se concentrar na identidade de classe e comunidade para a pesquisa reflete, sobretudo, as grandes questões evidentes no recorte temporal estudado e no que apresenta a bibliografia. Contudo, em eventuais trabalhos contemporâneos que abordam temáticas correlatas à aspectos políticos do esporte, não levar essas demais identidades em consideração poderia ser uma clara limitação na abordagem.

Cabe ressaltar que, ainda que o recorte deste trabalho levou quase exclusivamente a materiais em língua inglesa, a temática de análises acadêmicas do futebol não possui tanta disponibilidade no Brasil. Salvo poucos e valiosos estudos produzidos por próprios brasileiros, lamentavelmente importantes autores e relevantes obras não receberam uma localização. Em um país onde esse esporte ocupa um papel claro na construção da identidade nacional e da cultura popular, é relevante que se tenha materiais que contribuam com novas análises e trabalhos acadêmicos.

REFERÊNCIAS

ALABARCES, Pablo. **Historia mínima del futbol en America Latina**. Cidade do México: El Colegio de Mexico, 2018.

FOER, Franklin. **Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

GOLDBLATT, David. **The game of our lives**. Nova Iorque: Nation Books, 2014.

_____. **The ball is round**. Londres: Penguin Books, 2006.

HOBSBAWM, Eric. **Mundos do trabalho: novos estudos sobre história operária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

_____. **A era das revoluções: 1789 - 1848**. São Paulo: Paz e Terra, 2015

RUSSEL, David. Associating with Football: Social Identity in England 1863-1998. In: ARMSTRONG, G. (org.); GIULIANOTTI, R. (org.). **Football cultures and identities**. Londres: Palgrave Macmillan, 1999.

TAYLOR, Matthew. **The association game**. Nova Iorque: Taylor & Francis, 2013.

VICE. **The football banner that helped to kill the Super League**.

<www.vice.com/en/article/super-league-football-banner> Acesso em: 23 de jun. de 2025